



#02

25.11.2025

Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador

1700º aniversário do Concílio Ecuménico
de Niceia - 325-2025

O símbolo para a salvação: doxologia e teologia do dogma de Niceia

Celebrar Niceia no seu 1700º aniversário é sobretudo maravilharmo-nos com o Símbolo que o Concílio nos legou e com a beleza do dom oferecido em Jesus Cristo, do qual ele é como um ícone em palavras. Começaremos, pois, o nosso estudo sobre Niceia examinando seu Símbolo, para fazer sobressair a extraordinária imensidão da fé trinitária, da cristologia e da soteriologia que ele exprime, bem como suas implicações antropológicas e eclesiológicas, antes de concluir com o seu significado Ecumênico.

Compreender a imensidão das três Pessoas divinas que nos salvam: “Deus é Amor”, infinitamente

O símbolo niceno-constantinopolitano estrutura-se em torno da afirmação da fé trinitária:

Cremos em um só Deus, Pai onipotente, artífice do céu e da terra, de todas as coisas vivíveis e invisíveis, e em um só Senhor Jesus Cristo, filho unigênito de Deus, gerado pelo Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, luz da luz,

Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado e não feito, consubstancial ao Pai;

por meio do qual tudo veio a ser; [...] E no Espírito Santo, Senhor e vivificador, que procede do Pai, que junto com o Pai e o Filho deve ser coadutorado e conglorificado, que falou através dos profetas [...].

O ponto de partida da fé nicena é a afirmação da unidade de Deus. O cristianismo é fundamentalmente um monoteísmo, em continuidade com a revelação feita a Israel. No entanto, o Símbolo não coloca em primeiro lugar “Deus” como tal, e menos ainda a única natureza divina, mas sim a Primeira hipóstase divina, que é o Pai. Como “criador do céu e da terra” (cf. Gn 1,1; Ne 9,6; Ap 10,6), ele é Pai de todos. Além disso, Cristo revela a inaudita paternidade intra-divina de Deus, fundamento da sua paternidade ad extra. Se Cristo é o Filho divino, de modo único, isso implica que há uma geração em Deus: Deus Pai dá tudo o que tem e tudo o que é

A fé no Pai testemunha a plenitude superabundante de Deus. O primeiro artigo não é simplesmente uma definição de Deus, mas antes de mais um louvor que faz parte da tradição doxológica da liturgia judaica e das primeiras liturgias cristãs. A revelação em Cristo da paternidade de Deus manifesta também a imensidão do Filho e do Espírito. Se Deus Pai dá tudo para além da sua paternidade, isso significa que o Filho e o Espírito são plenamente iguais ao Pai na sua divindade. No Símbolo, o Filho é “um”, é “Senhor” (Kyrios, que traduz o Tetragrama na Septuaginta), “Filho de Deus”, “unigênito” (ho monogenēs) na intimidade do Pai, “Deus de Deus”, “luz da luz”, “verdadeiro Deus de verdadeiro Deus”, consubstancial (homousios) com o Pai.

O Pai também dá tudo ao Espírito, que é definido com termos específicos e reservados à divindade: “Espírito”, “Santo” e “Senhor”, o que também constitui evocação do Tetragrama. Assim como o Pai é o criador e o Filho é o Verbo pelo qual o Pai cria todas as coisas, o Espírito é professado como o “doador da vida”. O Espírito “procede do Pai”, assim como o Filho é gerado pelo Pai. As afirmações sobre o Espírito fazem eco intencional ao artigo referente ao Filho. Consequentemente, o Espírito pode e deve ser adorado com o Pai e o Filho - confirmado o caráter doxológico do Símbolo.

É essencial manter a divindade do Espírito como o “terceiro” em Deus e a sua ligação ao Pai, bem como ao Filho. Com efeito, ainda hoje há dificuldades em considerá-lo completamente como uma Pessoa divina e não como uma simples força divina ou mesmo cósmica. Por vezes, se reza ao Pai e ao Filho, omitindo-se o Espírito, contrariamente à oração da Igreja, que é sempre dirigida ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo.

Assim, da plenitude fontal da paternidade de Deus brota a plenitude superabundante de Deus Pai, Filho e Espírito, semper major. Ora, a plenitude fontal do Pai implica uma taxis (uma ordem) na vida do Deus Uno e Trino. O Pai é a fonte de toda a divindade. A segunda pessoa é de fato Deus e luz, mas é Deus de Deus e luz da luz. Embora o Espírito seja confessado como sendo igual em divindade ao Filho e ao Pai, ele é apresentado de uma forma bastante diferente dos outros dois.

Reflexão sobre o uso da expressão homousios

Um dos contributos centrais de Niceia é a definição da divindade do Filho em termos de consubstancialidade: o Filho é “consubstancial” (homousios) com o Pai, “gerado do Pai”, “isto é, da substância do Pai”. A geração do Filho é algo diferente da criação, porque é uma comunicação da substância única do Pai. O Filho não é apenas plenamente Deus como o Pai, mas de uma substância numericamente idêntica à sua, pois não há divisão no Deus único. Em outras palavras: o Pai dá tudo ao Filho,

segundo a lógica de uma vida divina, que é agapē e que ultrapassa sempre o que a mente humana pode conceber.

Pela primeira vez, são utilizados termos não bíblicos num texto eclesial oficial e normativo - voltaremos a este assunto nos capítulos III e IV. A intenção dos Padres Conciliares não era introduzir algo novo na fé apostólica, mas protegê-la, explicitando o que é realmente a geração em Deus. É por isso que, no Símbolo de 325, homoousios é introduzido pela expressão “isto é”: a terminologia grega ontológica está a serviço das expressões bíblicas tradicionais. O termo, de origem gnóstica e condenado pelo sínodo regional de Antioquia (264-269), foi muito contestado nas décadas que se seguiram a Niceia. Mas, a partir dos anos 360, o número de adeptos aumentou, até à sua ratificação plena e pacífica em Constantinopla (381). Nessa altura, foi reconhecido o seu papel de esclarecimento e proteção da fé, bem como a capacidade criativa da razão, da filosofia e da cultura humanas no acolhimento da Revelação. Como nas Sagradas Escrituras, isto sublinha o que a Revelação implica um diálogo entre Deus e os humanos, diálogo que se dá, de ambos os lados, através de palavras humanas situadas, limitadas e, portanto, sempre abertas à interpretação. Não só a vida divina é revelada como superabundância, mas a própria forma da Revelação, suscetível de ser expressa em palavras humanas, e traduzida em todas as línguas, mostra-se aqui como semper major.